

**O sentido e a sua contingência.
Emilio Garroni leitor de Benedetto
Croce**

Mestrado em Filosofia Contemporânea

Ano lectivo 1996-97

Orientador: Prof. Dr António Manuel Martins

Aluna: Simona Donato

Coimbra

1999



ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
-----------------	---

CAPÍTULO I

Benedetto Croce: a estética como filosofia do sentido

Introdução.....	10
1 A arte como conhecimento.....	12
2 A identidade de intuição e expressão.....	15
3 A crítica literária e o problema do conteúdo da intuição.....	22
4 O carácter de totalidade da arte e as suas ligações com a esfera prática.....	29
5 O “sentir” e a sua dizibilidade.....	31
6 A partilhabilidade da linguagem: a expressão literária.....	37
7 A criatividade da linguagem: a poesia.....	39
8 O problema irresoluto do nexos entre sentido e contingência....	41

CAPÍTULO II

Emilio Garroni leitor de Benedetto Croce: a dimensão paradoxal do sentido

Introdução.....	45
1 O “paradoxo fundador” da filosofia.....	46
2 A estética como filosofia não especial.....	50
3 Estética e história da estética.....	53
4 A estética como exigência de compreensão.....	59
5 A exemplaridade da estética.....	64
6 O “lugar” da filosofia.....	69
7 Sentido e paradoxo.....	75

CAPÍTULO III

Emilio Garroni: o risco da não-significabilidade (*insensatezza*) e o sentido como dever

Introdução.....	78
1 O dever-ser do sentido.....	79
2 O “círculo estético”.....	88
3 A perda de exemplaridade da obra de arte.....	93
4 Conclusão: sentido e não sentido na arte hoje.....	97
BIBLIOGRAFIA.....	104

INTRODUÇÃO

A finalidade deste trabalho é a de contribuir para o estudo aprofundado de alguns aspectos da reflexão sobre o sentido da experiência.

A experiência revela-se ao homem contemporâneo no seu aspecto paradoxal: ele está sempre dentro da experiência e, embora não possa nunca sair dela, interroga-se pela unidade dela.

Temática central de várias reflexões da época contemporânea¹, a do sentido e da sua paradoxalidade é enfrentada por Benedetto Croce com uma tal profundez que uma compreensão dela é fundamental para a interpretação do inteiro sistema crociano; e sobretudo o aprofundamento dela torna-se necessário para qualquer pessoa que queira encontrar a vitalidade e a actualidade do pensamento de Croce.

¹ É o problema da identidade-diferença de "ontológico" e "ôntico" em Heidegger, de "condição de verdade" e "asserções" em Wittgenstein, da legitimidade do preconceito em Gadamer.

Croce encara o problema do sentido não directamente, mas como consequência dos problemas levantados por uma reflexão sobre a estética; e à estética este problema ficará sempre ligado no seu pensamento.

Para Croce a arte não é algo de separado do resto das actividades espirituais; o facto estético é aquela forma de conhecimento que intui o particular e é, portanto, um momento insubstituível na nossa experiência em geral.

A inteira reflexão crociana sobre a arte e a poesia pode ser considerada como uma contínua actividade de aprofundamento da relação/identidade do estético com o momento intuitivo do conhecimento. Neste sentido tem que ser interpretada a fórmula crociana da “identidade de intuição e expressão”: se, de facto, a actividade autenticamente intuitiva for inseparável do seu tornar-se expressão, ou melhor coincidir com a expressão, isto é com o seu produzir-se essencialmente como forma, a arte é um momento eminente desta *poiesis* originária.

Croce começa com a distinção entre conhecimento intuitivo e lógico; o primeiro não é uma forma inferior com respeito à segunda; pelo contrário, ele é autónomo e o segundo não pode existir sem ele. Justamente por isso não se deve cometer o erro de confundir a intuição com a sensação bruta, com o momento passivo da receptividade. Qualquer acto autenticamente intuitivo, de facto, tem essencialmente natureza expressiva: é forma elaborada activamente pela imaginação, como condição “poiética” da experiência. Há, portanto, algo de “genial” na origem da vida do espírito e as obras de arte fornecem-nos cada vez mais um exemplo disso.

A tarefa de uma estética filosófica será, por conseguinte, a de esclarecer a identidade entre intuição e expressão até pensá-la como identidade de intuição e linguagem, de conhecimento intuitivo e linguagem originária, linguagem como *poiesis*, “poesia” em sentido essencial.

E é precisamente no âmbito da delineação das relações internas entre intuição e expressão que emerge com força o problema do sentido: como se deve pensar a “matéria” que se deixa elaborar em sentido poético e que entra na forma e se faz expressão, manifestando-se como linguagem em sentido originário? O primeiro ponto para ser colocado em relevo é que a “matéria” não deve ser pensada como algo estranho à actividade do espírito; esta identifica-se antes com a natureza sentimental da intuição, que se exprime no carácter “lírico” da arte. Esta liricidade da arte não a devemos entender banalmente como expressão de um impulso psicológico interno; no nexos sentimento-intuição-expressão temos que colher antes o movimento por meio do qual a disposição de espírito na qual nos sentimos e pela qual somos atingidos, chega a fazer-se palavra. Portanto a palavra originária não é outra coisa se não o esclarecimento exemplar deste sentir, é a dizibilidade de um sentir-se sujeitos a afecção (sentir-se modificados por algo) que se apresenta ao espírito como sentimento, ou melhor, como sentido.

O “outro” da linguagem, aquilo para o qual a linguagem se abre, pode ser identificado, por conseguinte, com um sentir, ou melhor, com um sentir-se modificados por algo, sentir-se na contingência do sentido. Mas o que é esse “algo” pelo qual nos sentimos modificados? Ele é, responde Croce, “a mais elementar das formas práticas”, a *praxis*, com a qual temos em primeira instância uma relação sentimental.

Precisa-se mais, assim, a definição crociana de poesia: esta é manifestação linguística originária do nosso sentirmo-nos já sempre envolvidos numa *praxis*. A estética filosófica deverá entender-se, então, como ciência do sentido (não do belo), tendo cuidado em não separar o sentido (como se fosse um “objecto”) do sentimento do nosso estar sempre envolvidos nele. E a poesia (em sentido essencial) é a

manifestação exemplar da condição “poiética” que caracteriza a experiência do homem; ela, como linguagem originária, é o “pôr em forma” do sentido/sentimento do nosso encontrarmo-nos já sempre num horizonte pragmático. É um traço característico do homem o de morar constantemente numa abertura de sentido: é por isto que a experiência continuamente encontra e produz sempre novas ocasiões, sempre algo novo para dizer.

Tal solidariedade (identidade) entre o vir ao nosso encontro de algo (o momento intuitivo) e o tê-lo já encarado com uma forma (o momento expressivo) deve ser considerada como uma contribuição fundamental de Croce à compreensão do sentido da experiência. Todavia aqui esconde-se uma dificuldade. Esta manifesta-se no problema da história. O homem habita a experiência de uma forma originariamente criativa; esta condição de criatividade é sobre-histórica e “assegurada” por toda a eternidade: haverá sempre poesia e, ao mesmo tempo, a poesia será sempre “nova”, uma vez que a capacidade de inovação é o seu traço característico (também sobre-histórico). Croce, em outras palavras, não percebe como problemática a circunstância de que algo de necessário (isto é, uma condição da nossa relação com o sentido) se torne experienciável só através algo de contingente (isto é, as determinadas “expressões” ou obras de arte). Para Croce, a historicidade da poesia limita-se ao facto de os particulares poemas, as particulares obras de arte, simplesmente acontecerem no tempo. A poesia é essencialmente sobre-histórica enquanto característica do género humano e é histórica porque cada vez se encontra na história como anel daquela corrente de factos contingentes que é a tradição literária.

É precisamente o problema da história (e da contingência do sentido) que Emilio Garroni, o qual dedica poucos mas significativos passos a Croce, colhe como

a mais importante dificuldade do pensamento crociano².

O que me proponho demonstrar com este trabalho é que é precisamente no problema do sentido que Emilio Garroni reconhece a contribuição mais importante e original de Croce à reflexão estética, mas que, ao mesmo tempo, é a partir daí, nomeadamente da relação do sentido com a contingência, que Garroni, tendo encontrado uma dificuldade no pensamento crociano, se afasta dele e elabora aquela que, na minha opinião, é a parte mais original do seu pensamento. Este afastamento tem que ver, naturalmente, com o aprofundamento da temática da contingência do sentido e do aspecto paradoxal da experiência.

Também a reflexão de Garroni começa com a estética, no âmbito da qual o autor elaborou uma concepção bastante diferente da convencional; ele considera, de facto, a estética não como filosofia da arte, mas antes como filosofia geral, que tem como referente privilegiado aquela que chamamos “experiência artística”, mas não *apenas* a experiência artística. A estética é, por conseguinte, para Garroni, reflexão sobre as possibilidades da arte, diferente de uma teoria da arte, e, neste sentido, ele reconhece em Croce uma profunda coincidência.

Como disciplina, a Estética nasceu no século XVIII junto com aquele conceito de “belas artes” que antecipa a noção comum que temos hoje de arte³. Garroni consegue explicar esta coincidência temporal só em relação à formação de uma “filosofia crítica”: a consciência dos problemas de *falar da totalidade sendo parte dela*. De facto, a arte aparece como tal na mesma circunstância em que começa a ser

² Garroni fala de Croce nos seguintes lugares das suas obras principais: E. Garroni, *Senso e paradosso*, Laterza, Roma-Bari, 1986, p. 130-1, 198-9, 204-5, 232-42. *Estética. Uno sguardo-attraverso*, Garzanti, Milano, 1992, p. 62-73.

³ A estética do século XVIII não se configura como uma experiência especialística, mas vai à procura de um sentimento que é considerado geralmente como condição de sensatez da experiência. Falarei da interpretação garroniana do nascimento da estética no capítulo II.

vista como exemplar da experiência em geral, como abertura à totalidade⁴.

A área em que se exerce a acção da estética é, para Garroni, a de um uso crítico do pensamento; este põe-se a “questão fundamental”: a pergunta pelo sentido. O sentido é a condição do significado, isto é, algo anterior ao próprio significado dos conceitos e que torna comunicável uma experiência particular. Se não quisermos voltar às dificuldades metafísicas ou empíricas do “mundo exterior” (isto é, que os comunicantes estejam separados entre si e opostos a um mundo do qual têm experiência só nas representações que cada um tem dele), precisamos de supor que, antes das representações particulares e antes dos significados que as organizam linguisticamente, existe uma condição comum de sentido, que implica uma referência ao mundo, dentro da qual os comunicantes já se encontram e dentro da qual só podem surgir significados e produções particulares de sentido.

É requerida, portanto, uma condição de sentido, como horizonte preliminar em relação às distinções sujeito-objeto, experiência-linguagem, significante-significado: isto é, o reconhecimento do nosso estar antes de tudo na experiência.

Tal “condição originária” do significado tem um aspecto paradoxal pois de tal condição devemos falar, embora seja indizível. E é precisamente esta a tarefa da filosofia. Essa não pode e não deve ser definida em termos positivos: algo como uma filosofia é possível que exista, na opinião de Garroni, ou melhor que tenha de existir necessariamente, só se a colhermos no seu aspecto paradoxal, no seu tender aos

⁴ Tal “filosofia crítica” tem em Kant (mas não só) um dos seus fundadores. A contribuição - muitas vezes mal entendida - da *Crítica da Faculdade de Juízo* de Kant à “filosofia crítica” consiste, para Garroni, em ter posto em evidência que a nossa experiência, que é sempre determinada e contingente, não seria tal (determinada e contingente) se não fosse também “sentida”, ou antecipada esteticamente, no seu conformar-se a uma unidade, da qual, todavia, não podemos ter um conceito nem uma intuição. Decidi não tratar, neste trabalho, da interpretação garroniana da *Crítica da Faculdade de Juízo* porque essa precisaria de um trabalho a parte. Cfr. as obras de Garroni: E. Garroni, *Estética ed epistemologia. Riflessioni sulla Critica del Giudizio*, Bulzoni, Roma, 1976; *Senso e paradosso*, Laterza, Roma-Bari, 1986, 207-233, 283-296; *Estética. Uno sguardo attraverso*, Milano, Garzanti, 1992, 102-147, 188-229; *Introduzione a I. Kant, Critica della facoltà di giudizio*, Milano, Einaudi, 1999.

limites da experiência e da linguagem, embora fique sempre dentro deles. A filosofia não pode não ousar falar do indizível. O dito ousar apresenta-se em dois aspectos: o de que já falamos, o paradoxo interno da filosofia, por causa do qual esta deve falar do indizível através do dizível, e o que está intimamente ligado ao primeiro, o do “risco da não- significabilidade (*insensatezza*)”. Trata-se de ver, para Garroni, “se, na própria filosofia, a significabilidade (*sensatezza*) dos ditos (as coisas ditas), que o sentido condiciona, fica na mesma, depois de os ditos serem remontados, em si e além de si, até à sua condição de sentido, ou se porventura não corre o perigo de se converter em não- significabilidade (*insensatezza*), mudando o sentido em não sentido⁵ .

Isto quer dizer que à pergunta pelo sentido está intimamente ligado o risco do não sentido, ou, dito em outros termos, parece que o sentido deve ser considerado ao mesmo tempo como não sentido, enquanto o seu dar significabilidade (*sensatezza*) é ao mesmo tempo um subtrair significabilidade (*sensatezza*). O aprofundamento da temática do sentido e da paradoxalidade dele conduz Garroni em direcção a um incremento da contingência do sentido num duplo ponto de vista: por um lado, existe a contingência das obras de arte particulares, portadoras exemplares de sentido, por outro lado, a contingência de, precisamente nas obras de artes particulares, o sentido se manifestar de uma forma exemplar. Neste ponto, a estética garroniana, enquanto reflexão sobre o nexos sentido/não sentido, chega à possibilidade de se pôr em crise a si mesma. De facto, se hoje repararmos numa “perda de exemplaridade” da obra de arte, e por conseguinte, numa perda da sua capacidade de ser portadora de sentido, essa já não poderá ser o “objecto” (ou melhor, a ocasião de reflexão) de uma estética que se apresenta como reflexão sobre o sentido da experiência. Todavia a migração

⁵ E. Garroni, *Estetica. Uno sguardo-attraverso*, cit. 261.

da exemplaridade para outras possíveis experiências contingentes (por exemplo, a experiência religiosa e política) encontra uma forte resistência na arte, uma resistência interpretável como um descobrir o jogo que desde sempre a arte vem jogando: a arte só poderia continuar a ser exemplar se falasse explicitamente do sentido e do não sentido dos quais pretende ser portadora exemplar, correndo o risco, por causa disso, de dissolver-se em “outro” (por exemplo, na filosofia).

Todavia, devemos correr este risco: a consciência do risco é a mesma coisa que a consciência de não poder deixar de o correr; o próprio sentido é um perigo que não podemos evitar.

A reflexão sobre o sentido sanciona, portanto, uma íntima relação entre as raízes “estéticas” da condição do sentido e o aspecto ético do “dever-ser” do sentido. O “paradoxo da filosofia” põe-nos a exigência ética de uma “tarefa” (ou *da* tarefa): a de *dever fazer sentido*.

Na conclusão do capítulo III, pretendo mostrar, também, como a produção literária de Garroni (autor, além de obras filosóficas, de textos que ele próprio define “quase-narrativa”), nomeadamente a de *Racconti morali*⁶, não seja separada do resto da actividade filosófica, mas antes, constitua o complemento dela, como se o dever ser do sentido, que Garroni considera a questão fundamental da filosofia, se manifestar a nível individual como uma vocação: a de “dizer” como não podemos jamais evitar a tarefa de reconquistar sempre novamente a significabilidade (*sensatezza*), dando-lhe a forma de um significado concreto, que seja ao mesmo tempo “sério” (que faça sentido), mas que corra continuamente o perigo de perder a “seriedade” (o sentido) e de cair no não sentido.

Este trabalho está articulado em três fases fundamentais, necessárias, na minha

⁶ E. Garroni, *Racconti morali o Della vicinanza e della lontananza*, Roma, Editori Riuniti, 1992.

investigação: no capítulo I, tratarei de forma detalhada a reflexão crociana sobre o sentido; no capítulo II, analisarei a interpretação garroniana do pensamento estético de Croce, tentando pôr em evidência as coincidências mas também os pontos em que as duas reflexões divergem; no capítulo III, enfim, falarei daquele que, para mim, é o traço mais original do pensamento de Garroni.

Os textos de Croce que analisei neste trabalho e que considero fundamentais para a compreensão do problema tratado são a obra sistemática *L'Estetica come scienza dell'espressione e linguistica generale. Teoria e Storia* (que comumente se cita como *Estetica*), e os seguintes ensaios breves: *Breviario di estetica, Il carattere di totalità dell'espressione artistica, Le due scienze mondane. L'estetica e l'economica e La poesia*⁷. Em relação a Emilio Garroni, a parte central do trabalho foi feita mediante a análise de dois textos, que enfrentam explicitamente a questão do sentido e do paradoxo da filosofia: *Senso e paradosso e Estetica. Uno sguardo-attraverso*⁸.

⁷ B. Croce, *Estetica come scienza dell'espressione e linguistica generale*, Palermo, 1902. (edição utilizada : Adelphi, Milano, 1990); B. Croce, *Breviario di Estetica*, Laterza, Bari, 1963; B. Croce, *Il carattere di totalità dell'espressione artistica*, Laterza, Bari, 1964; B. Croce, *Le due scienze mondane. L'estetica e l'economica*, Laterza, Bari, 1964; B. Croce, *La poesia*, Milano, Adelphi, 1994.

⁸ Cit.

BIBLIOGRAFIA PRIMARIA

- B. Croce, *Aesthetica in nuce*, in *Ultimi saggi*, Laterza, Bari, 1935
- B. Croce, *Breviario di Estetica*, Laterza, Bari, 1963
- B. Croce, *Il carattere di totalità dell'espressione artistica*, Laterza, Bari, 1964
- B. Croce, *Contributo alla critica di me stesso*, Adelphi, Milano, 1989.
- B. Croce, *Le due scienze mondane. L'estetica e l'economica*, Laterza, Bari, 1964
- B. Croce, *Estetica come scienza dell'espressione e linguistica generale*, Palermo, 1902. (Milano 1990).
- B. Croce, *Intorno allo Hölderlin e ai suoi critici*, in "La critica", XXXIX (fascicolo IV), 1941
- B. Croce, *La letteratura della Nuova Italia*, Laterza, Roma-Bari, 1973.

- B. Croce, *Materialismo storico ed economia marxistica*, Laterza, Bari, 1900, 1973(12).
- B. Croce, *La poesia*, Milano, Adelphi, 1994
- B. Croce, *Primi saggi*, Laterza, Bari, 1951.
- B. Croce, *Problemi di estetica*, Laterza, Bari, 1966
- B. Croce, *Tesi fondamentali di un'Estetica come scienza dell'espressione e linguistica generale*, in *Atti dell'Accademia Pontiniana in Napoli*, XXX, 1900.
- E. Garroni, *Creatività*, in "Enciclopedia Einaudi", vol.4, Torino, 1978
- E. Garroni, *Estetica. Uno sguardo-attraverso*, Milano, Garzanti, 1992
- E. Garroni, *Io e scrittura: un paradosso del testo narrativo*, in "Almanacchi nuovi. Rivista di filosofia e questioni sociali, Roma, 1996 n.2 pp.80-92.
- E. Garroni, *I paradossi dell'esperienza*, in "Enciclopedia Einaudi" vol. XV, pp.867-915, Torino, Einaudi, 1982
- E. Garroni, *Il problema della specificità della poesia e dell'arte in "Der Ursprung des Kuntswerkes di Heidegger*, in "Storia dell'arte", n.38-39, anno 1980
- E. Garroni, *Racconti morali o Della vicinanza e della lontananza*, Roma, Editori Riuniti, 1992
- E. Garroni, *Ricognizione della semiotica. Tre lezioni di Emilio Garroni*, Roma, Officina, 1977
- E. Garroni, *Senso e paradosso*, Bari, Laterza, 1986

OBRAS DE CONSULTA

- P. Bonetti, *Introduzione a Croce*, Laterza, Bari, 1984
- G. Contini, *La parte di Benedetto Croce nella cultura italiana*, Milano, Einaudi, 1972

- P. D'Angelo, *L'estetica di Benedetto Croce*, Laterza, Roma-Bari, 1982
- P. D'Angelo, *L'estetica italiana del Novecento*, Laterza, Bari, 1997
- L'estetica italiana del Novecento*, Napoli, 1993
- La filosofia italiana dal dopoguerra a oggi*, Laterza, Bari, 1985
- H. G. Gadamer, *Wahrheit und Methode*, Tübingen, J.C.B. Mohr, 1960; tr. it. a cura di Vattimo, G., *Verità e metodo*, Milano, Bompiani, 1983
- H. G. Gadamer, *L'attualità del bello*, Genova, Marietti, 1986
- M. Heidegger, *Holzwege*, tr. it. a cura di Chiodi, P., *Sentieri interrotti*, La Nuova Italia, Firenze, 1968
- M. Heidegger, *In cammino verso il linguaggio*, Milano, Mursia, 1973
- I. Kant, *Critica della facoltà di giudizio*, Milano, Einaudi, 1999
- I. Kant, *Critica del Giudizio*, Bari, Laterza, 1991
- M. Merleau-Ponty, *Elogio della filosofia*, Roma, 1984
- P. Montani, *Estetica ed ermeneutica*, Laterza, Bari, 1996
- Orizzonte e progetti dell'estetica*, Atti del colloquio "Situazioni e intenzioni della ricerca estetica oggi in Italia", Reggio Emilia, 1979
- D. Pesce, *L'estetica dopo Croce*, Firenze, 1962
- F. Restaino, *Il dibattito filosofico in Italia (1925-1990)*, in Abbagnano, N., *Storia della filosofia*, vol.4 tomo II

